



SETE PERGUNTAS A...

Telmo Mourinho Baptista

O bastonário da Ordem dos Psicólogos, 51 anos, diz que os políticos têm o dever de explicar o porquê dos sacrifícios e o que vamos ganhar em troca, caso contrário não haverá mobilização

DAR SENTIDO ao esforço que nos está a ser pedido é fundamental para minimizar os casos de desespero que não ajudam a sair da crise. Até porque pior saúde mental traz custos adicionais para o Estado.

Quais as consequências da política económica descuidar os fatores humanos?

Os fatores humanos têm uma importância central, quando se vive uma situação de profunda crise. O efeito da expectativa, por exemplo, tem um impacto muito grande nos resultados das opções dos políticos. Qualquer sofrimento suporta-se melhor quando lhe é dado sentido. Os políticos devem-nos uma explicação, tem que nos ser dito: "Nós vamos fazer este enorme esforço que vai custar a toda a gente para depois, por exemplo, termos uma situação em que haverá emprego para os jovens." É preciso dar um sentido ao esforço e não apresentar o cenário como uma fatalidade. Parece que vamos apenas fazer uma coisa: pagar contas.

Que sentimento é que a ausência de explicação gera nas pessoas?

Podem ocorrer casos de desespero, de dúvidas e sobretudo uma enorme falta de mobilização em torno daquilo que lhes está a ser pedido. Acredito que se houver um movimento nacional de mobilização mais facilmente saímos desta situação. Quando sofremos é preciso dar sentido ao sofrimento e isso implica explicar bem às pessoas qual o resultado depois de cumprirmos o plano. Neste momento, o cidadão apenas sabe que vai pagar mais impostos por causa de uma dívida sobre a qual não sente responsabilidade.

Os portugueses estão habituados a que tomem conta deles?

Absolutamente. Esse foi sempre o propósito da ditadura. Alguém que nos diz o que fazer, como um pai. Habitamo-nos a isso, a ter estes paizinhos. Porque é muito mais fácil ter quem mande em nós do que nos organizarmos e aprender com os nossos erros. O facto de sermos muito individualistas faz também com que nos apoiemos na autoridade do chefe e nos limitemos a fazer o que ele diz, sem deixar espaço para a criatividade e para a inovação que será o motor para voltarmos a crescer.

Como se torna um país mais empreendedor?

Esse é o caminho e tem de se começar cedo, não é aos 30 anos de idade. A escola tem um papel determinante para incutir este es-

pírito, para desafiar os miúdos a fazerem coisas. Os meus filhos frequentaram o mesmo liceu que eu e na minha altura, na década de 70, tínhamos de ser nós a fazer a coisas. No tempo deles não eram sequer eles que organizavam o campeonato de futebol. Ou seja, não têm oportunidades de ganhar capacidades de organização, gestão de conflitos, de trabalhar em equipa. Tudo isto cria as competências invisíveis que são necessárias para desenvolver o espírito empreendedor.

Outra falha é a cultura financeira.

Sim, desde cedo devíamos ter contacto com economia financeira. Isso impede que nos percebamos de quantas vezes fomos manipulados por taxa de juro bizarras porque as pessoas só queriam saber quanto é que tinham de pagar de empréstimo. Não têm sequer a perceção do número de horas que têm de trabalhar para terem acesso a determinada coisa. E isto torna as pessoas vulneráveis à pressão enorme do consumo, como se viu. Recordo os anúncios das agências de viagens a dizerem: "Você tem direito de ir de férias." Agora essas pessoas ainda estão a pagar os créditos que contraíram.

O consumo de psicofármacos está a subir.

Temos uma sociedade deprimida e ansiosa?

Pelos custos que esta situação tem, o Estado devia fazer uma análise rigorosa a esta realidade. Haverá uma combinação de fatores: temos mais profissionais capazes de fazer o diagnóstico destas doenças, a crise económica afeta as pessoas e terá também que ver com casos em que são prescritos medicamentos talvez por desconhecimento de alternativas terapêuticas que não os medicamentos, como a psicoterapia. Estamos a falar de mecanismos que ajudam a criar resistências às dificuldades. Em épocas de crise, é fundamental que existam estas estruturas porque caso contrário vamos ter recuperação, mas com enorme custo social e mental.

Pior saúde mental: mais custos para o Estado...

O Estado pode estar a poupar de um lado, cortando do lado da Segurança Social, por exemplo, mas gasta-se mais em consultas e participação de medicamentos. ASS



ESTADO
Corta na saúde
mental e gasta em
medicamentos

01-08-2011

Tiragem: 23100

País: Portugal

Period.: Mensal

Âmbito: Economia, Negócios e

Pág: 4

Cores: Cor

Área: 6,60 x 14,63 cm²

Corte: 2 de 2



146 SETE
PERGUNTAS A

Telmo Mourinho
Baptista, bastonário da
Ordem dos Psicólogos

